

ANDRÉS BELLO E SEU TEMPO: CONSIDERAÇÕES SOBRE VIDA E OBRA

ANDRÉS BELLO AND HIS TIME: CONSIDERATIONS OF HIS LIFE AND WORK

Kelly Cristini Granzotto Werner*

UFSM

Eliana Rosa Sturza**

UFSM

***Resumo:** Ser professora de espanhol como língua estrangeira (E/LE), no contexto brasileiro, exige, entre outras coisas, conhecer diferentes pensamentos, teorias, produções nessa língua, a fim de melhor desempenhar esse papel. Nesse sentido, desde a perspectiva da História das Ideias Linguísticas, é que proponho como tema deste artigo a figura de Andrés Bello e sua obra, fazendo considerações sobre os textos produzidos e publicados sobre o espanhol no século XIX, principalmente no campo dos estudos linguísticos e gramaticais. O objetivo é refletir sobre a importância das ideias linguísticas do autor e sua contribuição para o processo de gramatização do espanhol na/da América Hispânica, no âmbito da produção de conhecimento linguístico, bem como sobre o papel dessa língua na transformação e na consolidação das colônias em nações independentes.*

***Palavras-chave:** História das ideias linguísticas, Gramática, Língua espanhola, Andrés Bello.*

***Abstract:** Being a teacher of Spanish as a foreign language (E / LE), in the brazilian context, requires, among other things, to know different thoughts, theories, productions in this language, in order to better play this role. In this sense, from the perspective of the History of Linguistic Ideas, I propose as the theme of this article the figure of Andrés Bello and his work, making considerations of the texts produced and published about Spanish in the 19th century, mainly in the field of linguistic and grammatical. The aim is to reflect*

on the importance of the author's linguistic ideas and his contribution to the grammaticalization process of Spanish in / in Hispanic America, in the context of the production of linguistic knowledge, as well as on the role of this language in the transformation and consolidation of the colonies. in independent nations.

Keywords: *History of linguistic ideas, Grammar, Spanish language, Andrés Bello.*

Resumen: *Ser profesora de español como lengua extranjera (E/LE), en el contexto brasileño, exige, entre otras cosas, conocer diferentes pensamientos, teorías, producciones en esa lengua, para mejor desempeñar ese papel. En ese sentido, desde la perspectiva de la Historia de las Ideas Lingüísticas, es que propongo como tema de este artículo la figura de Andrés Bello y su obra, haciendo consideraciones acerca de la vida y de los textos producidos y publicados sobre el español en el siglo XIX, principalmente en el campo de los estudios lingüísticos y gramaticales. El objetivo es reflexionar acerca de la importancia de las ideas lingüísticas del autor y su contribución para el proceso de gramatización del español en la/de la América Hispánica, en el ámbito de la producción de conocimiento lingüístico, así como sobre el rol de esa lengua en la transformación y en la consolidación de las colonias en naciones independientes.*

Palabras clave: *Historia de las ideas lingüísticas, Gramática, Lengua española, Andrés Bello.*

1. Introdução

Ser professora de espanhol como língua estrangeira (E/LE), no contexto brasileiro, exige, entre outras coisas, conhecer diferentes pensamentos, teorias, produções nessa língua, a fim de melhor desempenhar esse papel, contribuindo para o acesso e o respeito à diversidade linguística e cultural. Nossa função é afetada pelas orientações e políticas do Estado e das Instituições às quais estamos ligados, mas também pelas leituras e crenças pessoais, sendo a conjugação desses fatores que deveria favorecer o direito de conhecer a diversidade para promover o respeito. Uma das possibilidades é que o estudante do ensino básico brasileiro tenha acesso ao ensino plural de línguas e que isso seja tratado, na prática escolar e governamental, como um direito linguístico. Isso se instaura, de fato, quando mais línguas,

além do inglês, venham a fazer parte do leque de opções apresentado ao aluno, quando materiais linguísticos sejam diversos, que não favoreçam a língua e a cultura de determinados lugares e grupos.

A partir dessas ideias, começo a desenvolver o tema deste trabalho: a figura de Andrés Bello e sua obra. Quem é o autor? Qual é sua produção de conhecimento linguístico sobre o espanhol? Em que época seus textos aparecem? Que língua é essa que ele trabalha? Qual é o papel dessa língua na transformação e na consolidação de uma colônia em uma nação independente?

Essas questões conduzem ao objetivo deste ensaio que é tecer considerações sobre a vida e a obra de Andrés Bello, enfocando na importância das ideias linguísticas do autor e sua contribuição para o processo de gramatização do espanhol na/da América Hispânica, no âmbito da produção de conhecimento linguístico, bem como sobre o papel dessa língua na transformação e na consolidação das colônias em nações independentes.

Pelo viés teórico da História das Ideias Linguísticas (HIL), faço um percurso de leitura de obras do autor, na área de Letras, principalmente no campo dos estudos filológicos, gramaticais, em parte do século XVIII e do século XIX, período de sua vida, no sentido de alcançar nosso objetivo. Para isso, dividi a leitura reflexiva em seções, a saber: “A história de vida de Andrés Bello”, “Contribuição de Andrés Bello à língua espanhola”, esta subdivida em “Obra literária” e “Obra gramatical”, além das “Considerações finais”.

2. A história de vida de Andrés Bello

Nesta parte, empenho-me em buscar respostas a dois de nossos questionamentos: Quem é Andrés Bello e em que época seus textos aparecem? Justifico o perfil biográfico do autor porque comungo da opinião de Caldera (1965, p. 17), quando afirma que “compreender a obra e o pensamento de Bello é tarefa impossível sem compreender também o homem”.

Tomo como base a obra *Andrés Bello: pasión por el orden* (2001), de Ivan Jaksic, um dos biógrafos do autor. Andrés Bello nasceu em Caracas-Venezuela, em 1781, no seio de uma família de origem canária, e faleceu em Santiago-Chile, em 1865. Foi um dos mais importantes intelectuais de seu tempo e também um cidadão atuante. Viveu momentos agitados e transformadores na América Latina, quando

grupos de pessoas se mostraram insatisfeitos com a política imperial espanhola e encabeçaram o movimento pró-independência, influenciados pelas ideias de acontecimentos como a Revolução Francesa (1789) e da Independência dos Estados Unidos (1776-1783).

Bello participou dessas manifestações e protagonizou, no final do século XVIII e início do XIX, a passagem das colônias espanholas a jovens nações independentes. Viveu a esperança e o medo, a proclamação e a consolidação dos países em Repúblicas, assistiu também a algumas das turbulências do século XIX. Conviveu com outras grandes figuras das novas pátrias e, imbuído do novo espírito, participou da organização do sistema político, econômico, social e educacional do Novo Mundo, buscando o estabelecimento de uma nova ordem. Jaksić (2001) defende que o gramático demonstrava “pasión por el orden”.

Sua vida e seus feitos se desenvolveram em três cenários: Caracas (Venezuela), Londres (Inglaterra) e Santiago (Chile). Ou seja, foi um sujeito marcado por dois mundos, o americano e o europeu.

Em Caracas, passou a primeira parte de sua vida. Era filho de pai advogado e mãe de família de artistas. Recebeu uma educação clássica e religiosa realizada, primeiramente, no Convento de las Mercedes, sendo supervisionada pelo Frei Cristóbal de Quesada. Ali aprendeu o latim, a gramática e a literatura através da leitura dos clássicos latinos e castelhanos. Depois, estudou no Seminário de Santa Rosa, onde fez o curso de Latim de duração de três anos em apenas um; recebeu, inclusive, prêmio de tradução latina. Também aprendeu francês e inglês e era leitor e estudioso de textos europeus.

Em 1797, ingressou na Real y Pontificia Universidad de Caracas, e, em 1800, tornou-se Bacharel em Artes¹. Depois disso, seguiu com seus estudos filosóficos² (Descartes, Leibniz, Locke e Condillac e outros), com seus escritos pessoais e jornalísticos, com seus trabalhos como professor, conjugados a seu novo cargo, o de funcionário do governo, em que realizava trabalhos administrativos. Nessa época, foi professor de Simón Bolívar, especificado posteriormente pela história com a designação “o libertador”. Além disso, escreveu textos literários conhecidos como o poema *Silva a la agricultura de la Zona Tórrida* (1826), de características neoclássicas. Segundo Velleman (1976), no período de Caracas, Bello sofreu influências de gramáticos filosóficos franceses e despertou interesse pelos métodos científicos empírico e

experimental, modos que foram desenvolvidos no período seguinte de sua vida, em terras inglesas.

Em 1810, integrou uma missão diplomática a Londres, na condição de secretário, junto com Simón Bolívar e Luis López Méndez para um período curto, cuja tarefa era apresentar a causa da independência venezuelana e a busca por apoio a esse projeto. O intento não teve o resultado esperado, de modo que decidiram: manter uma presença em Londres, para promover a ideia e para informar o governo venezuelano das decisões do governo britânico; e fazer retornar os demais integrantes da junta à América Hispânica.

Bello foi quem permaneceu em Londres e lá viveu durante 19 anos, primeiramente com a incumbência que lhe fora dada. Esse período foi muito difícil financeiramente para ele porque o governo não lhe pagava o suficiente para sobreviver com sua família numerosa e acometida por doenças, tampouco contava com a ajuda de sua família na Venezuela, que já não dispunha de recursos para auxiliá-lo. Diante da situação em que se encontrava, passou a executar trabalhos temporários, sempre relacionados a temas de seu interesse e competência, sendo correspondente, escrevendo para jornais, fazendo traduções, ministrando aulas. Paralelo a isso, continuou aprimorando temas gramaticais, filosóficos e literários, nas línguas que havia aprendido. Essencialmente foi um período de muito estudo, em bibliotecas, de textos europeus os quais não tinha tanto acesso na América Colonial, de modo que a estada londrina de quase duas décadas também foi um período de formação desse intelectual americano.

No seu regresso à América Latina, em 1829, foi para o Chile, nação que o acolheu, após a penúria financeira vivida em Londres. Nesse país, passou o restante de sua vida, que foi o mais produtivo. Atuou no jornalismo, ministrou aulas, foi o primeiro reitor da Universidade do Chile (1843) e professor, ocupou cargos políticos (senador) e públicos, participou da escrita da Constituição Chilena, redigiu o *Código Civil de la República de Chile* (1856) e escreveu vários textos sobre língua³, alguns publicados como artigos no jornal *El Araucano*, entre 1833 e 1834, como, por exemplo, *Gramática castellana* (1832), *Advertencias sobre el uso de la Lengua Castellana a los padres de familia, profesores de los colegios y maestros de escuela* (1834). Também escreveu o tratado *Principios de ortología y métrica de la lengua castellana* (1835), a obra *Análisis ideológica sobre los tiempos de la conjugación*

*castellana*⁴ (1841), a *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* (1847), o *Compendio de gramática castellana para el uso de las escuelas primarias* (1851) e as *Obras Completas* (1952). Além disso, com Domingo Faustino Sarmiento discutiu uma proposta de reforma da ortografia espanhola (JAKSIĆ, 2001). Na verdade, atuou como um polígrafo e, neste período e cenário, socializou sua obra, aplicou os princípios já consolidados em seus textos e abriu discussões sobre os temas abordados.

O cenário em que se desenvolveram o pensamento e a produção desse “humanista” e “sábio americano”, caracterizações atribuídas por Caldera (1965), está afetado pela Ilustração. Como consequência disso, a educação dos latino-americanos sempre foi sua maior preocupação e, pela língua, realizou suas ações, em diferentes frentes como: a produção de textos filosóficos, filológicos, gramaticais, literários, jornalísticos, políticos e jurídicos; a tradução; a estruturação de currículos; a criação de escolas e de universidades; e o exercício de cargos políticos e educacionais. O autor trabalhou para instruir as jovens nações, despertar a valorização e a consolidação da cultura local, através da educação linguística. Sua formação e suas ações concretizam o que disseram sobre Bello os linguistas espanhóis Amado Alonso: “Hijo del siglo de la Enciclopedia, quiso cultivar todos los conocimientos humanos”⁵. (ALONSO, (1951) 1995, p. X); e Ramón Trujillo: “Todos sus saberes de hombre ilustrado se ponen al servicio del Continente [...]”⁶ (TRUJILLO, 1988, p. 32).

Na gramática de 1847, classificada por Bello como nacional, também se nota sua característica pedagógica, pois ele mostra a preocupação educacional. Isso perpassa também o discurso proferido, por ocasião da inauguração da Universidade do Chile, da qual foi membro fundador e primeiro reitor, como podemos ler no fragmento:

Yo ciertamente soy de los que miran la instrucción general, la educación del pueblo, como uno de los objetos más importantes y privilegiados a que pueda dirigir su atención el gobierno; como una necesidad primera y urgente; como la base de todo sólido progreso; como el cimiento indispensable de las instituciones republicanas. Pero, por eso mismo, creo necesario y urgente el fomento de la enseñanza literaria y científica. (Fragmento do

discurso proferido na inauguração da Universidade do Chile, em 1843)⁷.

A preocupação de Bello com a educação chilena se acentuou ainda mais quando passa a ocupar o cargo de reitor da Universidade.

Segundo Arnoux (1998, p. 33), “En su constante preocupación por la enseñanza, Bello muestra su condición de hombre de la Ilustración para el cual el desarrollo de aquella es una tarea esencial de la sociedad, cuyo compromiso deben asumir el intelectual y el político”⁸. Ele tomou a língua como aliada nesse processo de construção das jovens nações, proclamando que o seu alcance e o seu poder só seriam conseguidos se houvesse também o compromisso do Estado. Toda a estrutura da jovem nação deveria tomar para si essa tarefa. Ou seja, para Bello, a questão da língua na América Latina era um problema político também.

Amado Alonso, no prólogo que escreveu para a edição de 1951 da gramática (1847), vai além, dizendo que “La unidad de la lengua sólo con estudio se puede mantener, y la unidad de la lengua era para Bello un bien político inapreciable, de alcance no sólo nacional sino intercontinental” (ALONSO, (1951) 1995, p. XII)⁹. Tomar a unidade da língua como bem político, como patrimônio, como língua comum em todo território, indo do nacional, ao transnacional e chegando ao que diz Alonso “intercontinental”, implica reivindicar a ação do Estado. Isso porque a unidade da língua na visão ilustrada de Bello só é garantida pelo estudo. Precisa-se de uma política linguística com esse fim. A garantia da unidade da língua garantiria também a unidade das jovens nações. Estado e língua deveriam caminhar juntos para que pudessem se manter e buscar o progresso.

Além disso, tratar a língua espanhola como bem político da Espanha e das novas Repúblicas latino-americanas autoriza Bello a reivindicar o direito linguístico igual e legítimo para todas as nações dessa língua. Isso significa admitir a diversidade como componente da unidade (o bem = a língua) e, com isso, os falantes se reconhecerem membros dessa comunidade linguística, reconhecendo também sua identidade nacional. Lope Blanch (1996, p. 414) chama essa visão do autor de “visión americanista de la lengua española”, ou seja, defendia um hispanismo amplo. Esse bem, que é a unidade da língua, a língua comum, estava associado à ideia de nacionalismo.

No referente aos estudos linguísticos, na época em que Bello apresentou sua produção linguístico-gramatical, no século XIX, predominava a linguística histórica-comparatista, que considerava que a linguagem tinha fundamentos biológicos, o que a aproximava das Ciências Naturais. Nessa linha, desenvolveram-se estudos baseados nos métodos dessas ciências, por exemplo, o método histórico-comparativo, cujo objetivo era buscar parentescos linguísticos, através da forma da comparação de semelhanças e diferenças entre as línguas. Da perspectiva diacrônica, o estudioso da língua da época buscava saber como se dava a evolução das línguas. Por exemplo, a descoberta do Sânscrito revelou relação de parentesco com o Latim, o Grego, as Línguas Celtas, Eslavas e Germânicas. Como viveu os anos finais do século XVIII e alguns do século XIX, não podemos descuidar de que sua obra, ainda que possa trazer atualizações, apresenta marcas do pensamento desses períodos.

3. Contribuição de Andrés Bello à língua espanhola

Nesta parte, dedicamo-nos a apresentar a contribuição de Andrés Bello e a refletir sobre ela, primeiramente sobre a produção literária e depois sobre a produção gramatical, que está entre a produção de um saber metalinguístico e um saber linguístico em língua espanhola. Além disso, analisamos o papel da língua nas condições sócio-históricas em que essas obras surgiram.

3.1 Obra literária

Segundo Jaksic (2001), Andrés Bello foi um leitor de literatura clássica desde a infância. Sua formação literária se deu no período vivido em Caracas, onde fez abundantes leituras. Elas lhe deram uma formação clássica. Nessa época, também fez exercícios literários, escrevendo seus primeiros textos em verso e prosa. O período seguinte, em Londres, serviu-lhe para aprimorar e aprofundar suas leituras, suas técnicas, rigor, critérios, correção de composição, enfim sua erudição. Para Grases (1989), “Su sensibilidad de poeta ya está definida en Caracas. Su prosa está ya lograda.”¹⁰

As obras literárias mais importantes e conhecidas do autor foram produzidas em Caracas. Na prosa, Monegal (1969) e Grases (1989) citam uma obra, o *Calendario Manual y Guía universal de forasteiros*

en Venezuela para el año de 1810, que, segundo eles, tem valor histórico e literário e é a primeira obra publicada de Bello.

O reconhecimento maior se deu no universo da poesia¹¹. Monegal (1969) nos conta que muitos de seus textos foram perdidos e que se conservam dez composições poéticas do período caraquenho. Fazemos referência a alguns desses textos: *Oda a la vacuna*, o soneto *A la victoria de Bailén*, *Alocución a la poesía* (1823) e as silvas americanas, sendo entre essas a mais reconhecida pela crítica, como ponto culminante de sua obra poética, a silva *A la agricultura de la zona tórrida*, que só foi publicada em 1826. Para Caldera (1935), como poeta, Bello pode ser caracterizado pelo estilo clássico, por sua formação inicial, ou neoclássico, e também romântico, tendo recebido muitos elogios.

O tema que se apresenta na poesia de Bello é o amor à natureza tropical, à natureza venezuelana, a exaltação da beleza, da fecunda e abundante terra natal. Por exemplo, no seu texto mais conhecido, a silva *A la agricultura de la zona tórrida*, composto de 373 versos, dispostos em sete cantos, cujo título é uma alusão à natureza rural da Venezuela, caracterizada por “zona tórrida”, Bello faz referências à fauna e à flora americanas, apontando e descrevendo elementos das terras hispano-americanas, como, por exemplo, “el ananá”, “la yuca”, “la ambrosía”, “el cacao”, “el banano”, “el maíz”, entre muitos outros. Faz uso do recurso de notas de rodapé explicativas sobre temas e termos que utiliza (os números 3 e 4 apontam para notas respectivas no poema), que fornecem informação, inclusive informação científica ao leitor, ação frequente em todo o poema. Isso pode ser observado nos versos do canto 2:

[...]
Para tus hijos la procerá palma³
su vario feudo cria,
í el ananas sazona su ambrosía;
su blanco pan la yuca⁴;
sus rubias pomas la patata educa;
i el algodon despliega al ama leve
las rosas de oro í el vellon de nieve.
[...]¹²

As palavras “palma” e “yuca” apresentam uma chamada para nota de rodapé. Por que usa esse recurso? Almejava Bello fornecer explicações sobre elas? Queria ele dar a conhecer o que é próprio da natureza latino-americana, especificamente da Venezuela, de modo a valorizá-la? Seria também uma forma de mostrar pela língua (pela literatura) o espanhol da América Latina? Este, constituído também por outras línguas em circulação no continente, as línguas indígenas. Ou ainda, esse aspecto (ao lado do tema e do gênero), constitutivo desse texto literário, vai anunciando o aparecimento de textos em espanhol local e uma possível autoria literária?

Jaksić (2001) afirma que o poema, além de abordar o tema da exaltação à natureza latino-americana (venezuelana), versa sobre as perspectivas de futuro para a região:

Bello hace uso de todo su talento poético para promover la idea de una Hispanoamérica independiente cuyos valores se basan en una economía agrícola y un sistema político republicano. El valor estético de este poema es sin duda muy grande, pero también lo es el significado político de su mensaje. (JAKSIC, 2001, p. 87)¹³

Parece que o futuro econômico e político a que Bello se refere dependia da agricultura. Ali estaria a fonte de riquezas da região, conforme analisam Souza e Mayoral (2013),

La constitución y concretización de una cultura local debía, para Bello, pasar por la valorización y trabajo en la tierra. La agricultura es para el poeta la fuente de riquezas y progresos, y América representa para él el gran “Edén”, el paraíso, solo que agrícola. Ahí los ciudadanos deberían, mediante el trabajo agrícola, establecer una relación de identidad con la tierra, rehaciéndose como “seres del suelo americano” y buscando la identificación en la medida en que fuesen adquiriendo conciencia del lugar social (físico-social-cultural) en que estaban, espacio este pos-

colonial que necessitava uma “ideología” e “identidad” propia. (SOUZA & MAYORAL, 2013, p. 178)¹⁴

Valorizar a vida no campo, a agricultura, contribuindo para o despertar de uma consciência local em relação à dominação a que estavam submetidos, mostra a posição colaborativa e política do sujeito escritor com a causa vivida no momento sócio-histórico de produção desse texto, que envolvia os movimentos de independência das colônias da América da metrópole espanhola.

Bello se ocupou de vários temas e exerceu diferentes funções e trabalhos, cultivou o gosto pela literatura e a criação até os seus últimos dias, seja escrevendo textos poéticos¹⁵, dramáticos e críticos para jornais seja fazendo traduções de textos literários. Conforme Jaksic (2001), em Londres, por exemplo, faz uma análise profunda do poema épico castelhano mais importante *El Cantar del Mio Cid*¹⁶ (possivelmente escrito em 1140), enfocando na prosódia, trabalho que retoma posteriormente em Santiago, apresentando uma edição do texto. Também publicou a obra *Principios de la ortología y métrica de la lengua castellana*, em 1835, no Chile.

3.2 Obra gramatical

Conforme já vimos, durante sua vida, Andrés Bello escreveu vários textos em que discutia questões sobre a língua castelhana, alguns divulgados em jornais como artigos, outros em tratados ou em gramáticas, sob as condições sócio-históricas de produção já mencionadas. Citamos os mais importantes. Alguns artigos tratam de temas que, mais tarde, serão amadurecidos em obras, como é o caso de *Gramática castellana* (1832), o qual integrará a *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* (1847) e o *Compendio de gramática castellana para el uso de las escuelas primarias* (1851). Também a obra *Análisis ideológica de los tiempos verbales* (1841) que será refundida na gramática de 1847. Isso permite falar em um processo de reflexão sobre a língua que vem sendo realizado. Segundo a crítica, suas duas obras principais nesse campo são as de 1841 e 1847.

A observação panorâmica da produção gramatical de Bello nos permite afirmar que produziu instrumento linguístico e que participou do processo de gramatização do castelhano/espanhol na/da América¹⁷.

Tomo as noções de gramatização e de instrumentos linguísticos no sentido proposto por Auroux (1992). O autor ensina que a gramatização deve ser compreendida como “[...] o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (AUROUX, 1992, p. 65). Ele atribui à gramática e ao dicionário, portanto, o caráter de instrumentos linguísticos, os quais não são elaborados por qualquer falante da língua, mas sim por sujeitos que produzem conhecimento linguístico, a partir de um saber sobre a língua. Tais instrumentos, que são produtos do conhecimento linguístico, devem ser tratados como produtos tecnológicos, que têm a função de descrever, sistematizar, organizar, divulgar e fazer circular um saber e uma língua. Bello, então, produziu o instrumento linguístico: gramáticas.

Além disso, em seus espaços de aparecimento e circulação, esses instrumentos auxiliam na constituição e na consolidação de uma língua nacional, imaginariamente construída, a partir dos critérios de unidade e homogeneidade. A língua assim apresentada é essencial para a formação de um Estado-nação bem como para a constituição de uma identidade nacional. Como exemplo disso, podemos recordar de algumas obras como a *Gramática castellana* (1492), de Antonio de Nebrija, a *Gramática da Lingoagem Portuguesa* (1536), de Fernão de Oliveira. E por que não a *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* (1847), de Andrés Bello, no Chile?

Ainda, segundo o pensamento de Auroux (1992), a existência e o funcionamento de gramáticas e dicionários são essenciais para o processo de gramatização de uma língua. Essa colocação nos faz entender por que, no curso da história, alguns vernáculos, algumas línguas se gramatizaram antes que outros ou não se gramatizaram.

Considerando os conceitos teóricos da HIL anteriormente destacados e a orientação metodológica, quanto aos objetos de observação e análise nesse campo, apresentamos algumas produções de Bello na/da língua espanhola. Não se configura em uma lista exaustiva de sua obra, mas sim estão entre as de maior destaque.

Começo com o artigo *Gramática castellana*, publicado em 1832, no jornal *El Araucano*. Foi a primeira publicação do autor sobre temas gramaticais no Chile. As reflexões de Bello se alongam em nove páginas. No artigo, defendia a necessidade do estudo da língua da

pátria, recusando a ideia de que era suficiente saber a gramática do latim para se compreender a do espanhol. Para ele, isso era um erro. Reconhecia que o latim oferecia ideias gerais sobre a linguagem, mas afirmava que o estudante “no sabrá por eso la gramática del castellano porque cada lengua tiene sus reglas peculiares, su índole propia, sus genialidades”¹⁸ (BELLO, 1832, p. 458).

Nesse texto, também aponta e explica falhas de algumas gramáticas e, especialmente, a da Real Academia Española (RAE), discutindo questões específicas da língua espanhola. Nessa, em particular, sua crítica recaía no uso do modelo latino para explicar fenômenos linguísticos do espanhol. Essa ideia também estará presente na gramática de 1847. Nesse sentido, distancia-se da primeira gramática escrita do castelhano, por Antonio de Nebrija, em 1492.

Prossigo com o seu primeiro livro: *Análisis ideológica de los tiempos verbales* foi publicado em 1841, no Chile, mas o próprio autor escreveu no prefácio que havia escrito trinta anos antes, remontando ao tempo vivido na Venezuela, portanto, resultante de seu trabalho juvenil. A obra conta com um prólogo e o texto em si, em que Bello abordou o tema do verbo sob um ponto de vista filosófico (filosofia analítica, principalmente, cujo título já anuncia), perseguindo o objetivo de sistematizar a conjugação verbal do castelhano (espanhol), buscando ser fiel: às suas ideias de recusa ao modelo latino, aos fatos, estes entendidos como “los varios empleos de las inflexiones verbales según la práctica de los buenos hablitas”.¹⁹ (BELLO, 1841, p. 237) e à lógica.

Segundo Alonso (1951), o objetivo de Bello foi estabelecer os valores dos tempos da conjugação castelhana. A isso se dedicou intensamente, desenvolvendo uma proposta que passa por uma nova terminologia, uma nova forma de pensar e explicar os significados de cada tempo. Muito mais tarde, bem depois da publicação da gramática de 1847, isso lhe rende um reconhecimento da Real Academia Española (RAE), que faz referência ao modelo verbal proposto, colocando-o, entre parêntesis, em paralelo ao seu próprio modelo. Também gramáticos peninsulares trazem, em suas gramáticas, na seção destinada ao verbo, o paradigma de Bello.

A forma diferenciada com que o autor apresenta o “modo verbal” admitia quatro modos: indicativo, subjuntivo comum, subjuntivo hipotético e subjuntivo optativo. Na verdade, dois modos, o indicativo

e subjuntivo, se entendermos que os três últimos seriam tipos de subjuntivo. O primeiro abarcaria dez tempos (o mesmo número da RAE), conforme o Quadro 1.

Nomenclatura da gramática tradicional	Nomenclatura de Andrés Bello
<i>Presente</i>	<i>Presente</i>
<i>Pretérito perfecto compuesto</i>	<i>Antepresente</i>
<i>Pretérito imperfecto</i>	<i>Copretérito</i>
<i>Pretérito pluscuamperfecto</i>	<i>Antecopretérito</i>
<i>Pretérito perfecto simple o indefinido</i>	<i>Pretérito</i>
<i>Pretérito anterior</i>	<i>Antepretérito</i>
<i>Futuro</i>	<i>Futuro</i>
<i>Futuro perfecto</i>	<i>Antefuturo</i>
<i>Condicional</i>	<i>Pospretérito</i>
<i>Condicional perfecto o compuesto</i>	<i>Antepospretérito</i>

Quadro 1 – Os tempos do Indicativo para a RAE e para Andrés Bello

Quanto ao segundo, apresenta três tempos: o *subjuntivo* comum, o hipotético e o optativo. O imperativo não existe como modo, pois Bello o entendia como um caso particular do subjuntivo optativo. A RAE admite seis tempos: *presente*, *pretérito perfecto*, *pretérito imperfecto*, *pretérito pluscuamperfecto*, *futuro perfecto*, *futuro imperfecto*.

Outro aspecto inovador é o tratamento dado ao *pos-pretérito* (*amaría*), chamado em português de futuro do pretérito. Bello o incluiu no modo indicativo, mas, na época, a RAE tratava essa forma como outro modo verbal e a denominava Potencial. Hoje, ela está no indicativo, denominada de *Condicional* (Conforme Quadro 1).

Em relação ao entendimento de “tempos verbais”, segundo o gramático, marcam a ação do verbo na linha infinita do tempo, a partir de um ponto de referência, que se relaciona com outros, a que denomina “acto de la palabra”, que se define pelas coordenadas eu/tu-aqui-agora. Tal critério é notável na proposta de Bello porque dá lugar a um elemento exterior. A tomada do momento da enunciação, legitimado pelo falante, instaura o tempo presente, que passa a nortear os outros tempos, passado e futuro. Ele entendia por “tempo” o que caracterizava o momento do dizer, concepção que remete à ideia de tempo linguístico,

como tempo da enunciação, apresentada mais tarde por Benveniste (1965).

A noção “acto de la palabra” determina também a nomenclatura clara, precisa e lógica que é dada aos tempos verbais, o que leva Alonso (1951, p. XLVII) a afirmar que “la terminología es uno de los hallazgos valiosos en el sistema de Bello, porque declara a la vez que ordena y limita los valores de cada tiempo”²⁰. Distinguiu entre formas simples e compostas, que, além de terem seu valor próprio e fundamental, também derivariam dele dois outros significados, o secundário e o metafórico. A partir do “acto de la palabra”, nomeou os tempos verbais. Sendo assim, propôs relações simples, dupla e tripla, marcadas por partículas (prefixos), sendo ante-, para indicar anterioridade, co-, para indicar coexistência e pos-, para indicar posterioridade, e as acrescentou às denominações dos tempos: presente, passado e futuro. Dessa forma, os elementos da nomenclatura sustentariam uma relação entre si. Para completar as relações simples, duplas e triplas dos tempos do indicativo propostas por Bello, reproduzimos o esquema da linha do tempo elaborado por Alonso (1951, p. LXIV):

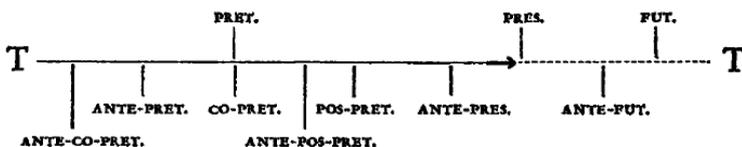


Figura 1 – Disposição dos tempos verbais de Bello na linha temporal (Fonte: ALONSO, 1951, p. LXIV).

Ainda que Bello tenha chamado seu primeiro livro de “obrilla”, a crítica reconhece sua importância em muitos aspectos, sendo um deles que foi antecedente de duas grandes obras posteriores de seu pensamento gramatical (1847) e filosófico (1881). Segundo Ardao (1986), reaparece na gramática de 1847, apresentada de modo integral e direto, em diversos lugares, mas Bello omitiu a publicação do livro de 1841, não fazendo, em nenhum momento, autocitações na obra de 1847; também muitos aspectos estão na *Filosofia del entendimiento* (1881).

Compendio de gramática castellana escrito para el uso de las escuelas primarias, publicada em 1851, é uma obra que resultou da percepção e preocupação pedagógicas de Bello, obtidas a partir da sua

gramática anterior, a de 1847. A obra apresenta um texto inicial de uma página, intitulado “Advertencias”, e depois seguem as partes da gramática em si, dispostas em “Lecciones”, setenta e três ao todo. No prefácio da obra, advertiu que o texto é para crianças e que, por isso, não contém uma descrição completa dos usos e regras da língua espanhola no Chile. Além disso, alertou que, mesmo assim os adultos não deveriam descuidar dela já que observava equívocos na língua nativa, na sua atuação profissional.

No brevíssimo prefácio, Bello também escreveu sobre a sua tarefa de gramático, dando indícios de como fez a descrição/prescrição da língua espanhola:

He pasado a la lijera sobre las cosas que el niño aprende medianamente, oyendo hablar y hablando; i no he perdido ocasión de hacer notar los hábitos viciosos en que mas jeneralmente se incurre. En las definiciones, no se ha procurado una exactitud rigorosa. Se ha requerido mas bien señalar los objetos, como con el dedo, que darlos a conocer en fórmulas precisas, rara vez accesibles a la intelijencia pueril. (BELLO, 1851, p. 39)²¹

A preocupação pedagógica é evidente: sua gramática deve servir para ensinar o castelhano às crianças na escola. A questão do uso é avaliada. Fica subentendido, por suas palavras, que corrige o mau uso, os “hábitos viciosos” e recomenda que sejam também corrigidos na escola, buscando o “bom uso”, que está representado no compêndio e na gramática de 1847.

A *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* foi publicada em 1847, no Chile. Quatro edições da obra foram revisadas por Bello em 1850, 1853, 1857 e 1860. Tomo a primeira edição, disponível online, na Biblioteca Nacional Digital do Chile, observando sua configuração, algumas questões apresentadas e também o papel que a língua tem através desse instrumento linguístico, na situação social, histórica e política de seu surgimento.

Ela foi organizada em um Prólogo de nove páginas, dividido em doze números, uma página de Erratas, uma página de Noções

Preliminares, cinquenta e um capítulos²² e dezenove páginas de notas de fim, apresentando também muitas notas de rodapé.

No Prólogo, o gramático revelou o motivo que o levou a escrever a obra: o medo da fragmentação do espanhol na América Hispânica ao modo como aconteceu com o Latim na Europa. Entendemos que temia a fragmentação do castelhano em dialetos, e, conseqüentemente a separação da América Latina como conjuntos de estados. Por isso, a língua deveria ser conservada em sua pureza a fim de proporcionar a comunicação, o vínculo fraterno entre todas as nações de língua espanhola e ajudar na manutenção do conjunto. A gramática reuniria e conservaria essa unidade da língua ideal e asseguraria a ideia de “bem político” (ALONSO, 1951).

Ainda que Bello descrevesse em sua gramática a unidade da língua nacional²³, trouxe a variedade, mostrando sua consciência linguística de que o uso do castelhano na América era diferente do peninsular em muitos aspectos. Reconheceu as diferenças como legítimas, conforme essa passagem do Prólogo:

No se crea que recomendando la conservacion del castellano sea mi ánimo tachar de vicioso i espurio todo lo que es peculiar de los americanos. Hai locuciones castizas que en la Peninsula pasan hoi por anticuadas; i que subsisten tradicionalmente en Hispano-America. ¿por qué proscribirlas? Si segun la práctica jeneral de los americanos es mas analójica la conjugacion de algun verbo, ¿por qué razon hemos de preferir la que caprichosamente haya prevalecido en Castilla? Si de raices castellanas hemos formado vocablos nuevos, segun los procederes ordinarios de derivacion, que el castellano reconoce, i de que se ha servido i se sirve continuamente para aumentar su caudal de voces, ¿qué motivos hai para que nos avergoncemos de usarlos? Chile i Venezuela tienen tanto derecho como Aragon i Andalucía para que se toleren sus accidentales diverjencias, quando las patrocina la costumbre uniforme i auténtica de la jente educada. (BELLO, 1847, p. XII)²⁴

O reconhecimento é dado pelo uso da “gente educada”, que foi o critério adotado por Andrés Bello para descrever a língua. Podemos confirmar essa ideia no fragmento das Noções Preliminares, da gramática:

La GRAMÁTICA de una lengua es el arte de hablarla correctamente, esto es, conforme al buen uso, que es el uso de la jente educada. Se prefiere este uso porque es el mas uniforme en las varias provincias i pueblos que hablan una misma lengua, i por lo tanto el que mas fácil i jeneralmente se entiende; al paso que las palabras i frases propias de, la jente ignorante, varían mucho de unos pueblos i provincias a otros, i no son fácilmente entendidas fuera de aquel estrecho recinto en que las usa el vulgo (BELLO, 1847, p. 1)²⁵.

Lemos que o espanhol que mereceu ser descrito e transformado em norma, através de seu instrumento linguístico, foi o bom espanhol. E quem usava (na fala ou na escrita) o bom espanhol? Fazendo um exercício de retorno às condições sócio-históricas do momento, parece que o bom espanhol estava nas práticas das pessoas letradas e dos bons escritores da literatura castelhana. O bem dizer desses usuários era o bom, o correto, o modelo e o que deveria ser ensinado à maioria da população.

E a quem se destinou essa gramática? No título, já está declarado: “destinada al uso de los americanos”. Essa revelação explícita do destinatário da obra, geograficamente localizado, é incomum em gramáticas. O que isso significa? Alonso (1951) apresentou duas razões para a limitação do destinatário: o receio da repulsa dos gramáticos peninsulares, que poderiam rechaçar o direito de um gramático americano de corrigir maus usos da língua espanhola; a crítica ao purismo da gramática espanhola que não admitia os usos do espanhol da América, recusando-os e qualificando-os de práticas viciosas.

De fato, há uma restrição sim, pois, ela é para falantes americanos de espanhol e não para outros, e que os motivos disso podem ser os apontados por Alonso. No entanto, também podemos ver uma

ampliação, permitida pela palavra “americanos”, no sentido de que não é para venezuelano, chileno, argentino, peruano..., mas para nações latino-americanas, falantes de espanhol. Na visão de Bello, provavelmente, eram os cidadãos dessas jovens Repúblicas que precisavam ser instruídos. Eles não saberiam o “bom castelhano”? Nenhuma das gramáticas do espanhol já existentes serviriam? Nesse sentido, poderíamos pensar na gramática como um instrumento linguístico transnacional? Ou ainda como disse Wagner (2006) uma “gramática castellana lationamericana”? São aspectos que merecem ser mais elaborados.

Quanto aos diferenciais dessa gramática (e de seu autor), seus estudiosos poderiam apontar alguns aspectos específicos em termos de língua, amparados nas leituras da obra, como: a elaboração da teoria verbal; a classificação e o tratamento das classes de palavras em sete, excluindo pronome e artigo; o entendimento dos pronomes pessoais, considerando como pessoas apenas “yo/nosotros (as), tú/vosotros (as)”. E, em termos mais gerais, a construção de uma gramática particular livre do molde latino.

Ainda, não podemos descuidar do que disse Jaksić (2001, p. 266) sobre o Bello gramático: “luchó por mantener el castellano unido a su fuente matriz, pero también insistió en que se reconocieran los aportes del castellano de América, batalla en la que incluso la Real Academia Española le reconoció el triunfo”²⁶. Por exemplo, em 1851, foi designado membro da RAE, sendo citado nas gramáticas da instituição. Sua importância também é reconhecida por linguistas e estudiosos da língua espanhola, sendo um deles, Amado Alonso:

La Gramática de la lengua castellana de Andrés Bello, escrita hace más de un siglo, sigue hoy mismo siendo la mejor gramática que tenemos de la lengua española [...] No como la mejor gramática castellana a falta de otra mejor, sino como una de las mejores gramáticas de los tiempos modernos en cualquier lengua (ALONSO, 1951, pp. IX; LXXXVI)²⁷.

4. Considerações finais

Guiada por alguns questionamentos (“Quem foi Andrés Bello? Qual a sua produção linguística em língua espanhola? Em que período sua

obra surge? Qual é o entendimento de Bello sobre essa língua? Qual é o papel dessa língua nas condições sócio-históricas em que seus textos aparecem?) e pelo viés da HIL, ao longo deste texto, me propus a apresentar a vida e a obra de Andrés Bello e a desenvolver uma reflexão sobre sua produção, seja literária, seja linguística em/sobre o espanhol na/da América Latina, de modo a compreender a importância das ideias linguísticas desse autor em países latino-americanos, sua contribuição para o processo de gramatização do espanhol no universo hispânico e o papel da língua naquele momento.

O percurso de leitura realizado permite dizer que, embora o autor tenha desempenhado diferentes funções e contribuído com escritos em diferentes áreas do conhecimento no curso de sua vida, característica de sua educação ilustrada e humanista do século XVIII, que muito valorizava o conhecimento acumulado em diferentes campos, seu legado maior, no que se refere a obras, está no direito e na língua: o *Código Civil de la República de Chile* (1856) e a *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* (1847).

É possível que Bello tenha trabalhado para despertar uma identidade territorial (na literatura) e linguística (na gramática), pela língua espanhola, nos “seus irmãos americanos”. Isso lhes auxiliaria na constituição de uma identidade nacional. Nesse sentido, a língua comum teria esse valor de “bien político”.

Cabe ainda dizer que nos interessa saber sobre uma personalidade da história chilena e de outras nações latino-americanas, que são vizinhas do Brasil. No contexto brasileiro de E/LE, acreditamos que é muito importante conhecermos o gramático mais notável do século XIX, no universo hispânico, no entender de ARNOUX (1998) e suas produções de conhecimento linguístico sobre o espanhol para além das elaboradas na Espanha, pela *Real Academia Española* (RAE). E assim poderemos contribuir, de alguma forma, para dar visibilidade a outros instrumentos linguísticos, à(s) língua(s) com suas variedades, seus falantes e suas culturas, no mundo hispânico.

Referências bibliográficas

ALONSO, A. Introducción a los estudios gramaticales de Andrés Bello. In: BELLO, A. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Obras Completas. v. IV, Caracas: Ediciones del Ministerio de Educación, p. IX-LXXXVI, 1995. Disponível em:

<http://fundacionpedrograses.com/Docs/pdf_docs/4.pdf> Acesso em: 1 de maio de 2018.

ARDAO, A. **Andrés Bello, filósofo**. Caracas: Academia Nacional de la Historia, 1986.

ARNOUX, E. N. El ejemplo como ilustración y como norma en las Gramáticas Escolares de Andrés Bello. In: **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Jan-jun. Campinas/SP: Pontes, p. 31-57, 1998.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2014.

BENVENISTE, E. A linguagem e a experiência humana. In: BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas/SP: Pontes, 1989. p. 68-80.

CALDERA, R. **Andrés Bello**. Trad. de Maria Helena Amoroso Lima Senise. 4.ed. Caracas: Instituto Nacional de Cultura y Bellas Artes, 1965.

GRASES, P. Temas de Andrés Bello. In: GRASES, P. **Escritos selectos**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1989. Disponível em:

<http://www.cervantesvirtual.com/portales/andres_bello/su_obra_introuccion/?_ga=2.54365992.1446754836.1540487684-1478414883.1540487684#nota_1> Acesso em: 25 de outubro de 2018.

JAKSIĆ, I. A. **Andrés Bello: la pasión por el orden**. Estudio Crítico. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 2001.

LOPE BLANCH, J. M. Amado Alonso y la actitud de Bello ante el porvenir de la lengua”. In: **Cauce**. Sevilla: Centro Virtual Cervantes, n. 18-19, 1996. p. 409-416. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/literatura/cauce/pdf/cauce18-19/cauce18-19_27.pdf> Acesso em: 28 de novembro de 2018.

MONEGAL, E. R. **El otro Andrés Bello**. Caracas: Monte Ávila Editores, C. A., 1969.

NEBRIJA, E. **Gramática Castellana**. Madrid: SGEL, 1992.

OLIVEIRA, F. de. **Gramática da linguagem portuguesa**. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-Os-montes e Alto Douro, 2007.

ORLANDI, E. P. (org.). **História das Ideias Linguísticas**. Construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas/SP: Pontes; Cáceres/MT: Unemat editora, 2001.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1996.

SOUZA, L. B; MAYORAL, A. T. C. La artesanía clásica en silva a la agricultura de la zona tórrida de Andrés Bello. *In: E-escrita*. Nilópolis: Uniabeu, v.4, n. 1, p. 172-187, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/viewFile/629/pdf_352> Acesso em: 14 de novembro de 2018.

TRUJILLO, R. Estudio preliminar. *In: BELLO, A. Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*. Con las notas de Rufino José Cuervo, estudio y edición de Ramón Trujillo. Tomo I. Madrid: Arco/Libros, 1988. p. 7-163.

VELLEMAN, B. L. El influjo del empirismo inglés en el pensamiento gramatical de Bello. *In: Thesaurus*. Boletín del Instituto Caro y Cuervo. Tomo XXXI. n. 1. p. 1-13, 1976. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/31/TH_31_001_001_1.pdf> Acesso em: 24 de julho de 2018.

WAGNER, C. Andrés Bello y la gramática castellana latinoamericana. *In: Revista Electrónica: Documentos lingüísticos y literarios*. Universidad Austral de Chile: Valdivia. n. 29. p.1-9. 2006. Disponível em:

<http://www.humanidades.uach.cl/documentos_linguisticos/document.php?id=1217> Acesso em: 29 de novembro 2018.

Obras consultadas de Andrés Bello

BELLO, A. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Santiago de Chile: Imprenta del progreso, 1847. Disponível em: Biblioteca Nacional Digital do Chile <<http://www.memoriachilena.cl/archivos2/pdfs/MC0014882.pdf>> Acesso em: 23 de março de 2018.

BELLO, A. **Discurso pronunciado en la instalación de la Universidad de Chile el día 17 de septiembre de 1843**. p. 140-173. Disponível em: <http://www.uchile.cl/portal/presentacion/historia/rectores-de-la-u-de-chile/4685/andres-bello-lopez-1843-1865> Acesso em 23 de março de 2018.

BELLO, A. **Obras completas: Filosofía del entendimiento**. VI. Santiago de Chile: Impreso por Pedro G. Ramírez. 1881. Disponível em: Biblioteca Nacional Digital do Chile

<<http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-94698.html>> Acesso em 17 de outubro de 2018.

BELLO, A. **Obras completas de Andrés Bello**. Poesías. V. III. Santiago de Chile: Impreso por Pedro G. Ramírez. 1883. Disponível em: Biblioteca Nacional Digital do Chile <http://www.memoriachilena.cl/archivos2/pdfs/MC0064753.pdf> Acesso em 23 de março de 2018.

BELLO, A. Gramática castellana. *In*: BELLO, A. **Obras completas de Don Andrés Bello**. Opúsculos gramaticales V. Santiago de Chile: Impreso por Pedro G. Ramírez. 1884. p. 457-465. Disponível em: <<http://ia802605.us.archive.org/25/items/obrascompletasd11chigoog/obrascompletasd11chigoog.pdf>> Acesso em: 22 de novembro de 2018.

BELLO, A. Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana. *In*: BELLO, A. **Obras completas de Don Andrés Bello**. Opúsculos gramaticales V. Santiago de Chile: Impreso por Pedro G. Ramírez. 1884. p. 231-302. Disponível em: <<http://ia802605.us.archive.org/25/items/obrascompletasd11chigoog/obrascompletasd11chigoog.pdf>> Acesso em: 22 de novembro de 2018.

BELLO, A. Compendio de gramática castellana escrito para el uso de las escuelas primarias. *In*: BELLO, A. **Obras completas de Don Andrés Bello**. Opúsculos gramaticales V. Santiago de Chile: Impreso por Pedro G. Ramírez. 1884. p. 303-378. Disponível em: <<http://ia802605.us.archive.org/25/items/obrascompletasd11chigoog/obrascompletasd11chigoog.pdf>> Acesso em: 22 de novembro de 2018.

Notas

* Professora do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Doutoranda em Letras – Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob a orientação da Profa. Dra. Eliana Rosa Sturza.

** Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora adjunta do DLEM, da Universidade Federal de Santa Maria, e professora do PPG Letras/UFSM.

¹ O curso nessa Universidade se desenvolvia em três anos de estudos em filosofia, que habilitavam ao grau de Bacharel em Artes. O currículo era estruturado assim: o primeiro ano de lógica (incluindo o estudo de matemática e geometria), o segundo de filosofia natural e o terceiro de metafísica.

² Andrés Bello escreveu sobre temas filosóficos. Um dos textos foi publicado postumamente como o título de *Filosofía del entendimiento*, em 1881. Ardao (1986)

diz que o papel de filósofo foi o mais tardio a ser reconhecido e que essa obra, nesse gênero, foi a primeira publicada no Chile e em toda a América. Ou seja, esse autor atribui a ela o papel de obra fundadora da filosofia latino-americana, no âmbito da língua espanhola, e a Bello, como seu representante, também fundador.

³ Desenvolvemos mais adiante o tema da produção linguística e gramatical.

⁴ Esta obra foi escrita em 1810, no período vivido em Caracas.

⁵ Filho do Século da Enciclopédia, quis cultivar todos os conhecimentos humanos. (tradução nossa)

⁶ Todos seus saberes de homem ilustrado se colocam a serviço do Continente [...] (tradução nossa)

⁷ “Eu certamente sou daqueles que olham a instrução geral, a educação do povo, como um dos objetos mais importantes e privilegiados a que possa dirigir sua atenção o governo; como uma necessidade primeira e urgente; como a base de todo sólido progresso; como cimento indispensável das instituições republicanas. Porém, por isso mesmo, acredito necessário e urgente o fomento do ensino literário e científico”. (tradução nossa)

⁸ Em sua constante preocupação pelo ensino, Bello mostra sua condição de homem da Ilustração para o qual o desenvolvimento daquele é uma tarefa essencial da sociedade, cujo compromisso devem assumir o intelectual e o político. (tradução nossa)

⁹ “A unidade da língua se pode manter somente com estudo, e a unidade da língua era para Bello um bem político inestimável, de alcance não apenas nacional, mas também intercontinental” (tradução nossa).

¹⁰ “Sua sensibilidade de poeta já está definida em Caracas. Sua prosa já está conquistada” (tradução nossa).

¹¹ Segundo Jaksić (2001), Bello escreveu ou traduziu setenta poemas durante sua vida.

¹² Tomamos a primeira edição do poema, que é de 1826, e em razão disso, chamamos a atenção para a variedade de castelhano apresentada. Transcrevemos aqui as notas citadas no seu original.

“3 Ninguna familia de vejetales puede competir con las palmas en la variedad de productos útiles al hombre: pan, lecho, vino, aceite, fruta, hortaliza, cera, leña, cuerdas, vestido, etc.” (El autor).

“4 No se debe confundir (como se ha hecho en un diccionario de grande i merecida autoridad) la planta de cuya raíz se hace el pan de casave (que es la *Jatropha manihot* de Linneo, conocida ya jeneralmente en castellano bajo el nombre de *yuca*) con la *yucca* de los botánicos” (El autor).

¹³ Bello faz uso de todo seu talento poético para promover a ideia de uma América Hispânica independente cujos valores se baseiam em uma economia agrícola e um sistema político republicano. O valor estético deste poema é, sem dúvida, muito grande, mas também é grande o significado político de sua mensagem. (tradução nossa)

¹⁴ A constituição e concretização de uma cultura local devia, para Bello, passar pela valorização e trabalho na terra. A agricultura é, para o poeta, a fonte de riquezas e progressos, e a América representa para ele o “Éden”, o paraíso, só que agrícola. Ali os cidadãos deveriam, mediante o trabalho agrícola, estabelecer uma relação de identidade com a terra, refazendo-se como “seres do solo americano” e buscando a identificação na medida em que fossem readquirindo consciência do lugar social (físico-social-

cultural) em que estavam, espaço este pós-colonial que necessitava “ideologia” e “identidade” próprias (tradução nossa).

¹⁵ No volume III, das *Obras Completas* (1883), de Andrés Bello, encontramos reunidas as suas poesias.

¹⁶ Também é conhecido como *Poema de Mio Cid*. Segundo Jaksíć (2001), apesar do interesse principal na questão prosódica, Bello encontrou elementos que remetiam a temas políticos e pessoais que estavam presentes na sua vida em Londres. A obra traz uma história que envolve exílio, justiça, império da lei, tem três partes e seu personagem principal é o cavaleiro do rei, Rodrigo Díaz de Vivar, cuja missão era a luta contra os mouros invasores da Península Ibérica.

¹⁷ Entendemos por Castelhana na América, o dialeto histórico originário da região de Castela, que se tornou a língua oficial da Espanha, ou seja, o castelhano da Espanha, europeu. Quando escrevemos castelhano da América, referimo-nos ao castelhano americano. Hoje castelhano e espanhol são designações da mesma língua.

¹⁸ “não saberá por isso a gramática o castelhano porque cada língua tem suas regras peculiares, sua índole própria, suas genialidades” (tradução nossa).

¹⁹ “os vários empregos das inflexões verbais segundo a prática dos bons falantes” (tradução nossa).

²⁰ “a terminologia é um dos achados valiosos no sistema de Bello, porque declara ao mesmo tempo que ordena e limita os valores de cada tempo.” (tradução nossa).

²¹ “Passei levemente sobre as coisas que a criança aprende mediamente, escutando falar e falando; e não perdi ocasião de fazer notar os hábitos viciosos em que mais geralmente se incorre. Nas definições, não procurei exatidão rigorosa. Requeri mais bem assinalar os objetos, como com o dedo, que dar-lhes a conhecer em fórmulas precisas, raras vezes acessíveis à inteligência pueril” (tradução nossa).

²² Em edições mais recentes da gramática (por exemplo, a de 1984), os editores subdividiram os capítulos em números. Na versão citada, há 1288 números. Também apresenta Prefácio e um Apêndice. Há edições que consideram 50 capítulos. Há também as que apresentam índice.

²³ Essa ideia também nos inquieta: que gramática é essa que Bello escreve? Como classificá-la? É descritiva? Expositiva? Filosófica? Prescritiva? Normativa? Pedagógica? De uso? Ele a classificou de gramática nacional.

²⁴ “Não se acredite que, recomendando a conservação do castelhano, seja minha vontade tachar de vicioso y espúrio tudo o que é peculiar dos americanos. Há locuções castiças que hoje, na Península, passam por antiquadas e que subsistem tradicionalmente na Hispano-América. Por que as proibir? Se, segundo a prática geral dos americanos, é mais analógica a conjugação de algum verbo, por que razão temos de preferir a que caprichosamente tenha prevalecido em Castela? Se de raízes castelhanas temos formado vocábulos novos, segundo os modos ordinários de derivação, que o castelhano reconhece, e de que se tem servido e se serve continuamente para aumentar seu caudal de vozes, que motivos há para que nos envergonhemos de usá-los? Chile e Venezuela têm tanto direito quanto Aragão e Andaluzia para que se tolerem suas divergências acidentais, quando as patrocina o costume uniforme e autêntico da gente educada” (tradução nossa).

²⁵ “A Gramática de uma língua é a arte de falar corretamente, isto é, conforme o bom uso, que é o da gente educada. Prefere-se este uso porque é o mais uniforme nas várias províncias e povos que falam uma mesma língua, e, portanto, o que faz que mais fácil e geralmente se entenda o que se diz, ao passo que as palavras e frases da gente ignorante variam muito de uns povos e províncias a outros e não são facilmente entendidas fora daquele estreito recinto em que as usa o vulgar, o popular” (tradução nossa).

²⁶ “lutou por manter o castelhano unido à sua matriz fonte, mas também insistiu em que se reconhecessem as contribuições do castelhano da América, batalha na qual inclusive a Real Academia Espanhola lhe reconheceu o triunfo” (tradução nossa).

²⁷ “A Gramática da língua castelhana de Andrés Bello, escrita há mais de um século, segue sendo ainda hoje a melhor gramática que temos da língua espanhola [...] Não como a melhor gramática castelhana na falta de outra, mas sim como uma das melhores gramáticas dos tempos modernos em qualquer língua” (tradução nossa).